

**Mulheres chefes de família: uma análise sobre a construção das famílias
monoparentais femininas**

Jaqueline Volpato¹
Poliana Savala²

Resumo

A família é uma das instituições mais antigas da humanidade, transformando-se no decorrer dos séculos. Dentre essas transformações, surgiram as novas configurações de família, entre elas a monoparental. Apesar de parecer um fenômeno novo, as famílias monoparentais, especialmente as chefiadas por mulheres, sempre existiram sendo que as primeiras se constituíram por mulheres viúvas e mães solteiras. O trabalho que apresentamos é resultado de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de conhecermos quais são as condições que configuram as famílias monoparentais chefiadas por mulheres. Realizamos um estudo, através de um suporte bibliográfico, enquanto uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico, propiciando o conhecimento de obras que tratam dos assuntos propostos. O campo empírico se constituiu no Centro de Referência de Assistência Social, instituição pública, sem fins lucrativos que visa à prevenção da violação de direitos dos indivíduos e da ampliação do acesso aos direitos dos cidadãos. Dentre os serviços ofertados pela instituição encontra-se o Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF), do qual elegemos os sujeitos da pesquisa, ou seja, duas mulheres chefes de família, às quais denominamos de 'E' e 'C', iniciais de seus nomes. Para coleta das informações fizemos uso da entrevista com roteiro pré-estabelecido; os diálogos foram gravados e transcritos, em seguida fez-se a sistematização e abstração das categorias, resultando na interpretação de que os fatores que levam à monoparentalidade podem ser involuntários, como no caso da viuvez, ou voluntários, como pela separação, celibato, opção por criar os filhos sozinha ou abandono por parte de um dos companheiros, além da violência de gênero, como um dos mais fortes motivos que levam à monoparentalidade feminina. Acreditamos que desvelar os fatores e/ou motivos da monoparentalidade feminina possibilita a compreensão da atual amplitude do fenômeno, bem como a necessidade, a importância do engendramento de políticas públicas que atendam suas necessidades.

Palavras-chaves: família; monoparentalidade; famílias chefiada por mulheres.

¹ Bacharel em Serviço Social formada em 2016 pela UNESPAR/Campus de Apucarana. E-mail: jaqueline_-volpato@hotmail.com

² Especialista em Gestão de Projetos Sociais pela UNOPAR – Universidade Norte do Paraná – 2017. Bacharel em Serviço Social formada em 2016 pela UNESPAR/Campus de Apucarana. E-mail: poliana_savala@hotmail.com

Introdução

A família é uma das instituições mais antigas da humanidade, que veio se transformando no decorrer dos séculos, acompanhando a evolução de nossa sociedade. Dentre essas transformações, surgiram as novas configurações de família, entre elas a monoparental. Apesar de parecer um fenômeno novo, as famílias monoparentais, especialmente as chefiadas por mulheres, sempre existiram sendo que as primeiras eram famílias de mulheres viúvas e mães solteiras. Com o advento do divórcio a monoparentalidade ganhou uma visibilidade maior, que só vem evoluindo com o decorrer dos anos.

A proposta investigativa foi a de conhecermos, através de uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso, quais são as condições que configuram as famílias monoparentais das mulheres acompanhadas pelo Programa de Atenção Integral à Família (PAIF), do Centro de Referência de Assistência Social de Sabáudia/PR.

Família: as configurações e relações familiares

Breves considerações sobre família

Definir sobre família implica considerar a realidade social, política e familiar, tornando tal conceito subjetivo, ou seja, considerando o tempo e espaço de sua definição.

Quase sempre conceituamos família como um grupo de pessoas, com funções específicas, em relações estruturadas, denominadas por pesquisadores como genograma. Na família sempre há a presença de um responsável pelo grupo, trata-se de integrante denominado como ponto de referência em relação aos demais membros, ou seja, “[...] desta forma, a posição em que cada indivíduo ocupa dentro da família está associada ao vínculo em que o mesmo possui com o responsável familiar.” (IBGE, 2010, p. 32). Trata-se de um coletivo com valores, conhecimentos, práticas e crenças que formam uma dinâmica de funcionamento. (SIMIONATO, 2003, p.19).

A ideia de família associa-se a um sistema, formado pelo conjunto de relações dinâmicas entre todos os seus componentes, que seguem regras específicas e se situam em uma determinada conjuntura. Para que este sistema denominado família, tenha um bom desenvolvimento é preciso que permaneçam em constante transformação e estejam sempre sujeitos a modificações. Uma definição associada a esse conceito é colocada por Simionato (2003, p.57): “Família também pode ser conceituada como uma unidade de pessoas em

interação, um sistema semi-aberto, com uma história natural composta por vários estágios, sendo que a cada um deles correspondem tarefas específicas por parte da família.”

A família pode se caracterizar pelo ajuntamento de crenças que serão os princípios norteadores na formulação das regras, das quais os integrantes do sistema irão seguir. Diante disso, pode ser definida como o ambiente onde os indivíduos se desenvolvem biológico e psicologicamente e se preparam para enfrentar a vida fora de seu sistema familiar de origem, a fim de se adaptarem aos novos sistemas que farão parte.

Percebemos que na literatura inúmeros são os conceitos sobre família, no entanto, o que se mostra em comum é o fato da união de seus membros, não considerando apenas a presença de laços consanguíneos, mas a intimidade, amizade, respeito mútuo, troca e enriquecimento conjunto. Assim, é válido ressaltar que a família pode, também, ser formada por somente um indivíduo e independente de qual seja o tipo de arranjo familiar todos possuem o mesmo intuito, o de obter meios de sobrevivência. Em outras palavras, a ampliação do conceito de família permite o reconhecimento de outras entidades familiares, como a uniões de pessoas do mesmo sexo, o reconhecimento da filiação socioafetiva, entre outras.

A questão da monoparentalidade

Resumidamente, podemos definir a família monoparental, segundo Vitale (2002, p. 46): “[...] como lares constituídos por um único progenitor que mantêm seus filhos na fase de criança, adolescente e jovem.”

A expressão “família monoparental” começou a ser usada na França, a partir da metade dos anos setenta, no século passado, para classificar lares em que as pessoas viviam sem cônjuge, tendo um ou mais filhos solteiros e menores de 25 anos. A partir, dessa década essa família começou a ser considerada um fenômeno social ³, ou seja, a condição de monoparentalidade já existia, apenas ganhou uma maior visibilidade a partir desse período.

Este modelo de família é reconhecido no Brasil como unidade familiar, conforme prescreve a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 226, no inciso 4º: “Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus

³ “A expressão fenômeno social designa os fenômenos que decorrem da vida social e do comportamento humano, tais como os fenômenos econômicos (desemprego, crescimento econômico, inflação, riqueza e sua distribuição), demográficos (crescimento populacional, emigração e imigração, distribuição por faixas etárias), sociológicos, políticos, históricos, etc.” Disponível em: <http://knoow.net/ciencconempr/economia/fenomenos-sociais/> Acesso em 21 fev. 2016.

descendentes.” Assim, seja o pai ou a mãe que conviva e seja responsável pelos filhos, eles serão considerados uma família.

Várias são as origens da família monoparental, podendo estas ser voluntárias ou involuntárias. A viuvez foi responsável pelo surgimento da monoparentalidade, mas o aumento no número de divórcios na década de setenta, fez com que ele se intensificasse. Segundo Zamberlam (2001, p.100):

[...] enquanto o fenômeno anterior era vivido pela imposição de uma situação (viuvez), atualmente a monoparentalidade tende a ser decorrência direta de uma opção (celibato ou separação), logo, efeito de uma vontade deliberadamente, manifestada por esta nova forma familiar.

Atualmente, temos a separação como uma das principais causas da monoparentalidade, sendo que estas eram famílias biparentais ⁴, que mudaram sua situação devido ao divórcio. A separação entre os casais sempre existiu, no entanto, antigamente era considerada uma situação informal. Somente no decorrer dos anos, com as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que aconteceram na sociedade é que esta situação foi legalizada através de leis. No caso do Brasil o divórcio foi estabelecido pela Lei nº 6.515/77. (SANTOS, 2009).

Presenciamos também mulheres que optam por uma produção independente através da inseminação artificial ou que decidem pela adoção, formando assim suas famílias; e as que são mães solteiras, seja por abandono do companheiro, ou por opção de criar os filhos sozinha. E, não podemos deixar de citar, o celibato, que segundo Santos (2009, p.2) “[...] é mais comum em classes mais ricas, motivado a partir das escolhas profissionais e aspirações sociais, especialmente as mulheres.”

Podemos perceber que a maioria das famílias monoparentais são de chefia feminina, já que nos casos de separação os filhos tendem a permanecer com a mãe e nos casos de celibato ou criação individual dos filhos, essas são decisões que partem das mulheres. Os dados estatísticos apenas reforçam essa constatação. Segundo o último Censo Demográfico (2010), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em famílias formadas por um responsável sem cônjuge e com filhos, as mulheres são a maioria na condição de responsável, representando 87,4%.

⁴ Família composta por um casal, pai e mãe, e seus filhos. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/biparental/> Acesso em 21 de fev. 2016

Alguns resultados para discussão

Baseado na fundamentação teórica apresentada escolhemos, do grupo de mulheres inseridas no PAIF (Programa de Atenção Integral às Famílias), do CRAS de Sabáudia/PR dois sujeitos para a pesquisa, que se encontram na seguinte condição: uma viúva e outra, separada, às quais denominamos por letras 'E' e 'C'.

A viúva E. tem 43 anos de idade, com fundamental incompleto e sem uma qualificação profissional, se dedicando somente aos afazeres domésticos. É beneficiária do Programa Federal, Benefício de Prestação Continuada (BPC), recebendo o valor mensal de R\$ 788,00. Sua família se constitui por ela e mais um filho, uma filha e um neto recém-nascido. Ela foi casada duas vezes; se separou do primeiro marido e, conviveu com o segundo por 20 anos, enviuvando depois desse tempo e tornando-se assim chefe de família, sem nunca ter sido antes.

Separada, C. tem 32 anos de idade, com fundamental completo, não exerce uma atividade remunerada, sendo do lar. É beneficiária do Programa Federal Bolsa Família e também recebe pensão alimentícia, somando uma renda total de R\$ 660,00 por mês. Sua família é composta por ela e mais dois filhos, uma menina e um menino, de oito e cinco anos respectivamente. C. teve uma união estável de 17 anos e se separou há um ano e seis meses, tornando-se chefe de família.

A maioria dos estudos sobre famílias monoparentais, cuja, chefia é feminina, apontam somente as dificuldades que elas têm em conduzir suas famílias, devido as responsabilidades que passam a assumir diante de tal situação. Segundo Szymanski (2002, p. 17),

Ao se pensar na família hoje, deve-se considerar as mudanças que ocorrem em nossa sociedade, como estão se construindo as novas relações humanas e de que forma as pessoas estão cuidando de suas vidas familiares. [...] As mudanças que ocorrem no mundo afetam a dinâmica familiar como um todo e, de forma particular, cada família conforme sua composição, história e pertencimento social.

Neste cenário de mudanças na sociedade, a mulher que possui uma família tradicional mantém, ainda, suas obrigações dentro de casa. Em relação a tal condição, Simionato (2003, p. 62) aponta que as mulheres desempenham papel importante na manutenção da vida cotidiana, exercendo o trabalho doméstico e também ajudando no orçamento familiar, através de seu trabalho remunerado, porém, essa dupla jornada aumenta a sobrecarga física e psicológica da mulher, trazendo agravos a sua saúde.

Através dos relatos das mulheres que entrevistamos, foi possível percebermos parte das responsabilidades no período em que estiveram casadas:

E.: [...] antes quando ele tava doente e tudo, eu já fui tendo a responsabilidade né [...] então eu já fui pegando, que nem, o meu dinheiro né [...] Ai fazer crochê pra vender, que eu faço crochê pra vender, e já compro outras coisas. Então antes de morrer eu já fui, como se diz, sendo já o chefe, sem saber. [...] Então, já não ligava se ele tinha dinheiro ou não, eu já gostava mais do meu né. Já ia lá e pagava uma água, uma luz, já comprava umas coisas pros filhos ou pagava uma conta também.

C.: Eu contribuía, assim, quando eu tinha vontade de comprar alguma coisa diferente pra mim, pras criança assim aí eu que comprava né. Eu dava uma ajuda assim, mas ele que bancava tudo. [...] Na matéria de educação deles sempre sou eu, sou eu que sou responsável. Nas questões dos filhos sempre fui chefe, assinar boletim, reunião de escola essas coisa assim ele nunca foi participante, assim de tá assim sempre presente pra sabe o que realmente tá acontecendo. Em matéria de escola essas coisas, assim sempre era eu [...].

Percebe-se que mesmo tendo companheiro, as mulheres já exerciam suas responsabilidades financeiras ou na educação dos filhos, seja como no primeiro caso onde a entrevistada procurava por sua independência ou como no segundo, onde o homem não compartilhava a responsabilidade de educar os filhos.

As atividades desenvolvidas pelas mulheres dentro do núcleo familiar sempre foi de extrema relevância para o desenvolvimento de tal agrupamento, no entanto, não recebem o verdadeiro reconhecimento devido ao fato de serem atividades que não geram renda. Com relação a isto, Barbosa e Soares ([19--?] p.4) afirmam que:

[...] a forma como se constitui o trabalho na sociedade capitalista reforça as desigualdades entre homens e mulheres no mundo do trabalho, na medida em que atribui maior valor ao trabalho produtivo e menor valor ao trabalho reprodutivo. Nesse processo, as mulheres não se reconhecem como trabalhadoras quando não estão no mercado de trabalho formal, as tarefas executadas por elas no espaço doméstico não são consideradas como trabalho, porque não são remuneradas, são realizadas como parte das “obrigações femininas” exigidas pela sociedade.

É possível perceber, nitidamente, através dos relatos feitos pelas entrevistadas e da citação supracitada, a desvalorização do serviço doméstico realizado pela mulher, e a exaltação das tarefas realizadas pelo homem, gerando assim a desigualdade de gênero.

Diversos são os motivos que conduzem a mulher à condição de chefia de uma família, ou seja, a ter uma família monoparental.

A partir das entrevistas realizadas observamos a violência de gênero na relação que estabeleceram com os maridos, sendo este um forte motivo para a monoparentalidade. Diferente do que é pensado pelo senso comum, a violência contra a mulher não se caracteriza

apenas pela agressão física. A Lei Maria da Penha ⁵, define cinco formas de violência doméstica e familiar contra a mulher: a violência física entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade física da mulher; a psicológica caracterizada por atitudes como ameaças, constrangimento, humilhação, isolamento, insulto, ridicularização, etc.; a sexual entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, manter ou a participar de relação sexual não desejada; a violência patrimonial que se consiste em reter ou destruir parcial ou totalmente seus objetos, documentos pessoais, bens, valores, etc. e a moral caracterizada pelas condutas de calúnia, difamação ou injúria.

Segundo os relatos,

E.: [...] Que antes não tinha palavra quando ele era vivo, era isso só acabou, eu não tinha palavra, as crianças também não [...] parece que antes, eu ficava mais doente, hoje eu não fico tanto, passava mais nervoso, sabe. Ele falava uma coisa, tinha que ouvir, tacava na cara que ah a casa tá num sei o que, eu ficava arrasada, ficava quieta. Então eu me sentia minúscula, não tinha voz pra nada né.

C.: Foi verbal, foi física. aí ele me deu um soco eu dei um soco nele também e assim foi indo... aí dessa vez que deu essa briga que nós saímos no soco eu e ele, foi a última vez que nós tivemos briga feia... aí nós sentamos e conversamos [...] se continua do jeito que nós tá indo aqui é melhor nós separarmos agora mesmo, porque assim não dá... aí nós colocamos um ponto final... aí acabou... assim, nós brigava assim de boca, não de agressão um com o outro aí encerrou.

Através das narrativas acima é possível analisar que a entrevistada C. sofreu violência física, porém no relato das duas há a violência psicológica. É nítido que tanto a E., quanto a C. não mantinham uma boa relação com seus companheiros, o que sem dúvida contribuiu para que, por vezes, já pensassem em talvez formar uma nova família somente com seus filhos.

Mesmo insatisfeitas com a relação que mantinham com seus companheiros, as entrevistadas até o momento permaneciam casadas, no entanto, ambas passaram por situações que as fizeram sair da condição família nuclear e constituíssem uma família monoparental, onde, elas mesmas eram chefes.

A respeito do motivo que as levou ao ápice para se tornarem chefes de família monoparental, no primeiro caso, a entrevistada ficou viúva e, no segundo foi devido à separação causada pela traição do esposo com outra mulher. Questionadas sobre o real motivo, responderam:

⁵ A Lei nº 11.340, de 17 de agosto de 2006, denominada de Lei Maria da Penha cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em 21 fev. 2016

E.: Porque eu fiquei viúva.

C.: Assim, ele trocou eu por outra mulher, ele se interessou por outra mulher né e acabou me abandonando eu com as criança e fico... e eu fiquei sozinha com as crianças.

Tendo em vista que a família é formada por um grupo de pessoas que trocam experiências, criam laços de afetividade e assumem o compromisso do cuidado mútuo, fica nítido que os integrantes acabam se apegando àquelas pessoas e se acostumando com aquele ambiente, sendo assim, quando uma família deixa de ser nuclear e passa a ser monoparental, os primeiros sentimentos são de tristeza, de medo, dúvidas e incertezas, pois tudo é muito novo e exige uma adaptação para viver sob as novas condições de vida. Deste modo, as entrevistadas relataram sobre como se viram no primeiro momento quando se tornaram chefes de família:

E.: Eu sempre me superei né, quando ele morreu eu me senti sozinha [...] De como ia ser sem ele, como eles (os filhos) iam entender nós três sozinhos. Se eu ia continuar naquela batalha, se ia ser igual, se ia ser difícil pra mim sem ele né [...].

C.: Eu não queria sair de casa e depois da separação que minha mãe faleceu, eu fiquei sabe que é três meses sem comer nada, não comia nada, nada, nada, nada era café e cigarro porque eu fumo né. Eu tava com sessenta e oito quilos fui pra cinquenta quilos, emagreci um monte [...] então é onde que eu fiquei assim sabe, num ponto da minha vida que eu fiquei sem estrutura nenhuma, sem ter aquela pessoa pra estender a mão, pra conversar, desabafar, pra mim desabafar... aí onde que foi que eu me apeguei em Deus... (ficou emocionada, chorou). Falei Deus se for pra eu continuar desse jeito aí tira essa magoa que eu tenho do coração de tudo... porque eu não aguentava, eu falava com as criança eles não obedecia, eu não tava tendo nem cabeça pra cuidar das criança direito [...].

Verifica-se nos relatos supracitados o momento de fragilidade em que as mulheres vivenciaram, quando se depararam com a nova situação, onde toda a responsabilidade da família pertencia a elas. Mesmo que a princípio a dificuldade em conduzir a família monoparental prevaleça na relação da mulher com seus filhos, é importante colocar que este se trata de um primeiro momento, onde elas não conseguem refletir sobre a possibilidade de conduzirem a vida de forma diferente, sem seus companheiros.

Passado o período mais difícil, e com a vida já caminhando, as entrevistadas relatam como se sentem no atual momento sendo chefes de suas famílias monoparentais.

E.: [...] Mais fácil, mais tranquilo. Então, tipo daí que ele morreu eu falei pra D. e o D. agora eu vou ser a mãe e o pai de vocês, vocês me obedecem e tudo que der certo né, com Deus na frente vai dar certo. Um tempão que a gente não tinha plano, não tinha sonho, a gente não sonhava mais.

C.: [...] Hoje em dia depois que eu passei, agora foi a melhor coisa [...] era mais difícil, agora eu acho mais fácil, então tipo assim, o que eu pego aqui eu sei onde que vai onde não vai, eu já somo as coisa tudo certinho.

Nota-se que apesar dos obstáculos que enfrentaram diariamente para conduzir sua família monoparental, as mulheres se sentem melhor com o rompimento da família nuclear, pois é como se demonstrassem um sentimento de libertação de um relacionamento infeliz marcado pela violência e insatisfações. É relevante destacar aqui que os sentimentos, os desejos e as opiniões das mulheres devem ser respeitados, e por isso mesmo que a sociedade associe a família monoparental chefiada por mulher, com pobreza e dificuldade, é preciso levar em conta que muitas vezes, como é o caso das entrevistadas, essas mulheres preferem viver somente com seus filhos, mesmo que isso não seja tão fácil, a ter que conviver com um homem violento e que não fazia questão de compartilhar as responsabilidades familiares com a esposa⁶.

A família monoparental com chefia feminina possui problemas como qualquer outra configuração familiar, ou às vezes, enfrenta dificuldades piores, no entanto em alguns casos, a situação em que viviam no matrimônio era tão desconfortável que não conseguem encontrar obstáculos em conduzir sua família monoparental, como é o exemplo das entrevistadas quando são questionadas a respeito das dificuldades em ser chefe de família.

E.: Não. Nada. Porque, por exemplo, assim eu combino e converso com a D. converso com o D.

C.: Ai no meu ponto eu não vejo dificuldade. Não, não vejo, não vejo sabe por que no começo do meu casamento ele não trabalhava registrado, trabalhava por dia, na roça assim, depois de uns tempos que ele começou a trabalhar registrado, então sempre faltava o que comer, ai sempre como não tinha onde ele ir buscar, ai sempre quem corria atrás era eu.

Muito mais do que ressaltar as qualidades da família, as mulheres admitiram ter que desenvolver vários papéis e mesmo assim se sentirem feliz.

E.: Agora eu me sinto uma chefona, agora eu mando em tudo, agora né (risos). Faço uma coisa aqui, outra ali.

C.: Ah, eu me sinto assim uma mulher vitoriosa viu.

⁶ Aqui não queremos generalizar que todas as mulheres chefe de famílias monoparentais o são em decorrência da violência de gênero, pois como já citado, há mulheres que optam por esse agrupamento familiar antes mesmo de assumirem uma relação conjugal, no entanto, ressalta-se que em muitos casos, a mulher passou por alguma situação vexatória, de violência ou de negligência, e isto justifica o fato delas optarem e se sentirem melhor sem ter a presença masculina dentro de casa.

Através de toda trajetória exposta até aqui sobre a vida das entrevistadas e diante deste último relato é possível verificar que toda dor e sofrimento vivido por elas, serviram de motivação para superarem os inúmeros obstáculos e hoje, perceberem seus verdadeiros valores.

Considerações finais

Ao longo da história, o conceito de família sofreu inúmeras transformações, acompanhando as mudanças da sociedade. Desde a era primitiva até a atualidade, mudaram-se as relações e configurações familiares, abrindo espaço para os mais diversos modelos de família, dentre eles a família monoparental.

A monoparentalidade embora sempre presente no meio social, ganhou visibilidade somente a partir da década de setenta do século passado. Várias são as origens dessa configuração familiar, sendo que a viuvez marcou seu surgimento.

Na atualidade, temos a separação como uma das principais causas, mas ainda há as pessoas que optam pela monoparentalidade através do celibato, criação individual dos filhos, entre outras. Ainda, temos questões como o abandono e principalmente a violência doméstica que também se mostram como fatores determinantes.

Diante da análise das entrevistas com uma mulher viúva e uma separada, pudemos compreender como foi à construção de suas famílias monoparentais, como aconteceu à transição de uma família nuclear para uma de chefia feminina, assim como as dificuldades e medos enfrentados.

Concluimos que apesar de todas as adversidades enfrentadas, as mulheres chefes de família sentem-se felizes e orgulhosas pela colocação que ocupam, procurando sempre buscar um futuro melhor para si e seus filhos.

Referências

BARBOSA, Luciana Cândido; SOARES, Maria de Lourdes. **Trabalho doméstico, trabalho desvalorizado, trabalho de mulheres.** [19--]. Disponível em:

<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/284> Acesso em: 25 jan. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, Senado Federal.

BRASIL. **Lei Maria da Penha.** Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país.** 2014.

Disponível em:

<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2747&busca=1&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais> Acesso em: 10 jan. 2016.

SANTOS, Jonabio Barbosa dos, SANTOS Morgana Sales da Costa. Família monoparental brasileira. **Rev. Jur., Brasília**, v. 10, n. 92, p.01-30, out./2000. Disponível em: Acesso em: 18 out. 2015.

SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral: **Funções e Transformações da família ao longo da história.** 2003. Disponível em:

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABXw8AB/funcoes-transformacoes-familia> Acesso em: 16 set. 2015.

SZYMANSKI, Heloisa. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 71 Especial Famílias. São Paulo: Cortez, 2002.

VITALE, M. A. F. Famílias monoparentais: indagações. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 71 Especial, São Paulo: Cortez, 2002.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. **Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva Interdisciplinar.** Rio de Janeiro: Renovar, 2001.